

APRESENTAÇÃO

É com enorme satisfação que apresentamos, no terceiro número do décimo-sexto volume da revista *Scripta Uniandrade*, três artigos escritos por renomados teóricos da área, os quais foram convidados a publicar suas reflexões e considerações críticas originariamente apresentadas em forma de palestra durante o X Seminário de Pesquisa, II Encontro Internacional da Pós-Graduação em Letras da UNIANDRADE e VII Jornada Intermídia.

No primeiro artigo, intitulado “De onde vem e para onde vai a teoria literária: desafios da atualidade”, Hans Ulrich Gumbrecht desenvolve um amplo panorama sobre o estado da arte desde os seus primórdios, esclarecendo que a “crítica literária” e a “teoria literária” surgiram em tempos e locais diversos. A reconstrução das origens de ambas as práticas, tanto na versão européia quanto brasileira, culmina com uma indagação a respeito da possibilidade de sobrevivência de ambas as instituições intelectuais nos dias de hoje. Em “Identifying, Construing, and Bridging over Media Borders”, Lars Elleström discute a noção das fronteiras das mídias, a qual constitui o tema central de sua pesquisa. Nesse sentido, o autor ressalta a importância de categorizações que, no entanto, devem sempre ser colocadas em questão porque, se por um lado é necessário categorizar a mídia em tipos, por outro, não há clareza de como essas classificações devem ser feitas. O autor, conclui que existem diversas espécies de fronteiras de mídias e, portanto, há variedades diferentes de tipos de mídias. Enquanto algumas fronteiras midiáticas são relativamente estáveis, outras são mais sujeitas a mudanças, porém virtualmente todas as fronteiras midiáticas podem ser ultrapassadas por meio de nossas capacidades cognitivas transmodais. No terceiro artigo, “Traduzindo *Huckleberry Finn*: aventuras da variedade linguística”, José Roberto O’Shea aborda a problemática da variação linguística a partir de reflexões e ilustrações obtidas durante o processo de sua tradução da obra Mark Twain. O ensaio ressalta as estratégias e soluções tradutórias adotadas, respaldadas por noções que contemplam o ato tradutório como intervenção, a qual transcende a questão da competência linguística e não transcorre por meio de um operador neutro.

A seção temática, intitulada “Questões de intermedialidade: relações, transações e fronteiras”, reúne doze artigos de um expressivo grupo de pesquisadores oriundos de diferentes estados brasileiros e do exterior que se debruçam sobre os múltiplos aspectos dessa área de estudos a partir de diferentes óticas e abordagens.

Em “O teatro da representação em ‘A mulher nua’, de Sérgio Sant’Anna”, ensaio inaugural desta seção, Márcia Arbex examina os iconotextos da narrativa, observando os efeitos de saturação pictural produzidos pelo texto literário, as referências intermidiáticas, em especial à pintura e ao cinema, a produtividade da imagem geradora de ficção, qual seja uma tela de Cristina Salgado, e a mobilização da imaginação do narrador por meio do metadiscorso poético. O segundo artigo, “Procedimentos

(inter)midiáticos em *Clara and Mr. Tiffany*”, Miriam Vieira analisa passagens ecfrásticas que verbalizam as diferentes mídias presentes na narrativa, tais como vitrais, peças decorativas, paisagens urbanas e edificações arquitetônicas. Para alcançar seus objetivos, além das características intrínsecas às mídias em questão, a autora propõe a noção de écfrase arquitetônica como fenômeno midiático.

Barbara C. Marques, em “Materialidades do cinema na literatura: Paul Auster e Enrique Vila-Matas”, realiza um estudo sobre os possíveis diálogos entre a literatura e o cinema a partir da noção de materialidade que se tornou um importante conceito para se pensar as práticas estéticas na contemporaneidade. A autora utiliza considerações críticas de teóricos alemães, entre eles Gumbrecht, Kittler, Flusser e Luhmann para lançar luz sobre sua análise das materialidades em Paul Auster e Enrique Vila-Matas. Na sequência, no ensaio “*O mez da gripe: da calamidade pública à estética híbrida*” Brunilda T. Reichmann e Paulo Sandrini colocam em questão dois aspectos da obra de Valêncio Xavier: a composição gráfica e a geração de sentido por meio de referências históricas. Nesse sentido, para alcançar tais objetivos, utilizam o conceito de paratextualidade de Gérard Genette e as noções de espaços vazios, leitor implícito e assimetria entre texto e leitor de Wolfgang Iser, respectivamente. Já Eunice Ribeiro, em “*O sombrio trabalho da beleza* (notas sobre o barroco em Herberto Helder), propõe algumas aproximações entre, por um lado, a gramática visual herbertiana, e seus possíveis nexos com a linguagem fotográfica e cinematográfica ou ainda com as técnicas pictóricas da natureza-morta seiscentista, e, por outro lado, a imagética religiosa e visionária barroca, todas elas aparentemente convocadas pela escrita intensiva de Helder e pela sua compreensão processual da beleza.

O ensaio de Genilda Azerêdo, “Cinema, pintura poesia: a plasticidade do afeto em *Mãe e filho*”, discute o filme de Alexander Sokúrov, com ênfase na relação afetiva entre mãe e filho. A autora defende a hipótese que o filme objeto de estudo tem seus significados atrelados ao diálogo com outras linguagens semióticas, a exemplo da poesia, da fotografia e da pintura, constituindo-se inovador quanto ao modo de narração audiovisual, sobretudo quando pensamos na morte e em seus efeitos devastadores. Já Aurora Gedra R. Alvarez, em “*Guernica* em diálogo com a infografia: o insólito na transposição intersemiótica”, volta o seu olhar para duas questões. A primeira investiga o modo como o insólito comparece em *Guernica*, de Pablo Picasso, e na leitura desta obra feita por Lena Gieseke, em uma infografia digital. A segunda, relacionada à transposição intersemiótica, focaliza o *modus operandi* desse processo, analisando as linguagens e as soluções estéticas escolhidas. No ensaio, “Replicando o gene do detetive: a transposição midiática na série de TV *Sherlock*”, Camila Figueredo examina o caso da transposição midiática das histórias de Sherlock Holmes para a série britânica *Sherlock*, de Mark Gatiss e Steven Moffat, exibida pelo canal BBC. A autora, partindo de considerações teóricas propostas por Bortolotti e Hutcheon, argumenta que nesse caso a transposição vai além da adaptação de um texto-fonte para um texto-alvo, pois

a série transcende os textos originais de Conan Doyle e incorpora como seus hipotextos versões anteriores de Holmes para as mais variadas mídias.

Tomando como base as teorias da adaptação, o artigo de Wellington Ricardo Fioruci, “Trama de sentidos: leitura entrecruzada de duas obras contemporâneas”, explora, a partir do romance de Gabriel García Márquez *Crónica de una muerte anunciada* (1981) e sua adaptação para o cinema em 1987 por Francesco Rosi, intitulada *Cronaca di una morte annunciata*, os diálogos possíveis entre as linguagens literária e cinematográfica. No artigo “*Fausto*, de Goethe a Sokurov: tradução de atmosferas como forma de transposição midiática”, Alex Sandro Martoni, após discorrer sobre a importância que as noções de atmosfera e de materialidades da comunicação adquiriram na contemporaneidade, analisa uma livre-adaptação do *Fausto* de Goethe realizada pelo cineasta russo Aleksandr Sokurov com o objetivo de testar o rendimento de uma possível noção de tradução de atmosferas no domínio dos estudos intermídiais. O ensaio de Julia Scampari, “O narrador autoficcional na literatura e no cinema”, mostra, à luz dos célebres ensaios de Walter Benjamin, *O narrador*, e de Silviano Santiago, *O narrador pós-moderno*, que a narrativa autoficcional vem se consolidando não somente na literatura mas também no cinema. Para pontuar elementos significativos desse fenômeno, a autora utiliza os romances de Ricardo Lísis (*O céu dos suicidas* e *Divórcio*) e Julián Fuks (*Procura do romance* e *A resistência*), e os filmes *Histórias que contamos*, de Sarah Polley, e *Irmãs jamais*, de Marco Bellocchio.

No último artigo da seção temática, “*Sua Incelença, Ricardo III: Shakespeare em diálogo com o imaginário cultural nordestino*”, Anna S. Camati e Liana Leão propõe uma reflexão a respeito do abasileiramento do texto shakespeariano *Ricardo III*, realizado pelo grupo de teatro Clowns de Shakespeare. As autoras argumentam que a trupe potiguar atinge seus objetivos por meio da inserção no texto espetacular de elementos do imaginário cultural do sertão nordestino, dentre eles o cangaço, a literatura de cordel e as incelenças.

A seção VARIA conta com oito artigos com temáticas e abordagens diversas. Em “Vozes d’África de d’outras partes: Luiz Gama, Juó Bananére e a desvernaculação da palavra literária brasileira”, Francisco C. A. Marques recupera a produção literária do poeta negro Luiz Gama (1830-1882) – por ter tomado a palavra à boca dos cativos – e de Juó Bananére (1892-1933) – por ter escrito suas crônicas e poemas em um dialeto que mesclava a voz do imigrado, do caipira e do iletrado –, num momento em que a nossa literatura não dava mais conta de expressar a emergente realidade étnica, social e cultural que deveria contribuir para a redefinição da identidade brasileira. O ensaio “Poéticas da modernidade em Francis Ponge e Charles Baudelaire”, de Danielle Grace de Almeida, aborda as representações do poeta moderno em uma análise comparativa entre poemas de Charles Baudelaire, em *Les Fleurs du Mal* e *Petits poèmes en prose (Le Spleen de Paris)*, e de Francis Ponge, em *Proêmes*, à luz de ideias desenvolvidas por pensadores que, como Jean-François Lyotard e Jacques Derrida, puderam apontar para aspectos que

evidenciariam importantes paradigmas do que se convencionou chamar de modernidade.

Wilder K. F. de Santana e Terezinha de Jesus G. do Nascimento, em “O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem”, discutem o texto literário mencionado a partir do conceito de heterodiscurso, desenvolvido por Mikhail Bakhtin em estudos sobre a estilística no romance. Em seguida, Kelio Júnior S. Borges, no ensaio “A infância dionisiaca em contos de Lygia Fagundes Telles”, promove uma leitura crítica sobre as figuras da criança e do adolescente na obra da escritora brasileira, tendo como norte teórico a obra do filósofo Friedrich Nietzsche. E, em “Judeidade e a criação da memória potencial em Georges Perec e Patrick Modiano”, Rodrigo Ielpo, a partir de considerações críticas de Derrida, tem por objetivo pensar a judeidade em obras dos autores objeto de estudo em suas relações com as categorias da memória, história e ficção.

Territórios e fronteiras perpassados pelo homem social em busca de sua ininterrupta evolução são investigados por Giséle Manganeli Fernandes e Maura Cristina Frigo em “Fronteiras humano-sociotecnológicas”. Nesse panorama, duas questões são trazidas para debate: a eutanásia e o desejo pela imortalidade. Para tanto, as autoras examinam o texto teatral *Love-Lies-Bleeding* (2005) e o romance *Zero K* (2016), do escritor Don DeLillo, à luz de teóricos como Berger, Haraway, Hall e Harari. No ensaio “Entre a narrativo e o dramático: violência e linguagem na tragédia grega”, Orlando Luiz de Araújo utiliza a narratologia de I. de Jong para validar seus argumentos a respeito da representação da violência nas peças *Os persas*, de Êsquilo, *As traquínias*, de Sófocles, e *As troianas*, de Eurípedes. E em “Breves considerações sobre expressão e linguagem na filosofia de Meleai-Ponty”, Carlos Roberto Ludwig e Rodrigo P. Moura Bueno refletem sobre os sentidos da linguagem e da expressão na filosofia de Merleau-Ponty. Os autores argumentam que pensamentos, palavras e gestos são intercambiáveis e, portanto, operam como estímulos um para o outro. Dessa maneira, a linguagem acontece de forma indireta e não se restringe somente à expressão verbal; possui um sentido muito mais amplo, pois ela também se manifesta no silêncio do mundo, da vida e das artes.

Agradecemos a todos os colaboradores do presente número da revista, e fazemos votos de que os instigantes temas abordados pelos diversos autores possam promover reflexões, deslocar fronteiras e traçar novos horizontes para a teoria e os estudos literários.

As editoras